


Tema: Sector Vitivinícola				Âmbito: Nacional	Tiragem: 18588
Título: João Afonso – prova de vida, copo a copo				Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 1.2
2007/03/09	SEMANARIO ECONOMICO – DINHEIRO & MANAGEMENT	Pág.21 Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 4250.00

vidas com história



# Afonso

## Prova de vida, copo a copo

As pirouettes são episódios piscados de uma vida dedicada ao vinho. Longa a carreira do jornalista português. Lembra-se do "medo" que teve de "morrer de cansaço" enquanto bailava "Escargot", da dificuldade em interpretar "A noite transfigurada" e de ser a figura principal das "Bodas" de Stravinski. Recorda a meia hora que o público de Bona esteve a aplaudir no final de um espectáculo e de como os bailarinos, num circuito pela Polónia, eram tratados como "vedetas" no outro lado da Cortina de Ferro. "Já era um wine-freak na altura", diz João Afonso. Durante as várias *turnées* pela Europa, África ou América do Sul colecionava garrafas. O acaso fez o resto. Um novo amigo desafiou-o a escrever artigos sobre vinhos numa altura em que só havia uma revista especializada em Portugal. A experiência correu bem e em 1996 colaborava regularmente com a Revista de Vinhos. O filho mais velho nem queria acreditar quando o pai lhe disse que iria deixar as luzes da ribalta para se entregar ao que João Afonso chama o "fantástico mundo do vinho". Doze anos de experiência depois, um palato sensível e cerca de 3000 provas de vinho por ano fazem o currículo deste enólogo autodidacta, formado e com mestrado em Educação Física. Desde 2000 que João Afonso publica, todos os anos, um guia de vinhos. As notas que atribui, muitas vezes, causam dissabores. "Alguns cortam relações, deixam de

As ruas lisboetas deixaram de fazer parte do quotidiano de João Afonso em 1994. "Lisboa não funciona", afirma o enólogo, numa das muitas opiniões críticas que tem sobre o País e as atitudes dos portugueses. De 15 em 15 dias regressa à capital para estar com os três filhos ou para provas de vinhos, mas a sua base é agora no interior de País. Em Castelo Branco reconstruiu uma casa de família do século XIX e é aí que ajuda o pai na produção do vinho Rogenda – 20 mil garrafas de tinto – e explora um olival, cujo azeite Monte da Roca, logo que se entender com a parte comercial, chegará ao público.

A mudança de cenário, desta vez física, foi só mais uma nos 50 anos de vida de João Afonso, nascido em Coimbra. A mais radical terá sucedido no início dos anos 90 quando o enólogo deixou para trás uma carreira de bailarino. Ao longo de 16 anos, João Afonso esteve na Calouste Gulbenkian mas esse período é recordado como se tivesse sido em outra vida. A memória falha no nome das peças ou dos autores que interpretou. Lembra-se do "medo" que teve de "morrer de cansaço" enquanto bailava "Escargot", da dificuldade em interpretar "A noite transfigurada" e de ser a figura principal das "Bodas" de Stravinski. Recorda a meia hora que o público de Bona esteve a aplaudir no final de um espectáculo e de como os bailarinos, num circuito pela Polónia, eram tratados como "vedetas" no outro lado da Cortina de Ferro. "Já era um wine-freak na altura", diz João Afonso. Durante as várias *turnées* pela Europa, África ou América do Sul colecionava garrafas. O acaso fez o resto. Um novo amigo desafiou-o a escrever artigos sobre vinhos numa altura em que só havia uma revista especializada em Portugal. A experiência correu bem e em 1996 colaborava regularmente com a Revista de Vinhos. O filho mais velho nem queria acreditar quando o pai lhe disse que iria deixar as luzes da ribalta para se entregar ao que João Afonso chama o "fantástico mundo do vinho".

Doze anos de experiência depois, um palato sensível e cerca de 3000 provas de vinho por ano fazem o currículo deste enólogo autodidacta, formado e com mestrado em Educação Física. Desde 2000 que João Afonso publica, todos os anos, um guia de vinhos. As notas que atribui, muitas vezes, causam dissabores. "Alguns cortam relações, deixam de

**"Comprar qualquer garrafa de vinho acima de 25 euros é insensato", diz o enólogo João Afonso**

enviar amostras", diz o enólogo, justificando com o "espírito arrivista e pouco profissional" de alguns produtores nacionais. Críticas à parte, João Afonso atesta que o sector vinícola português mudou para bastante melhor nos últimos dez anos. Mas a "globalização nacional das castas" e uma "técnica de vinha *standard*" torna cada vez mais difícil distinguir a origem regional dos vinhos. E o que faz a diferença? "Quando se cheira o vinho tem de se sentir a vinha e a terra", explica João Afonso que na sua garrafeira particular conta com 4000 vinhos. Entre os quais estão os "vinhos brancos delicados e elegantes" da Borgonha que o enólogo gosta de destacar. Foi aliás, por uma garrafa de vinho francês que João Afonso pagou o preço mais elevado, 40 euros. Uma excepção à regra. "É insensato comprar um vinho acima dos 25 euros quando uma garrafa custa a um produtor 1.500 escudos", diz. Ainda hoje fica atónito quando lê que uma garrafeira deste ou daquele colecionador atinge facilmente os milhões de euros. E é céptico com as recentes obras "megalómanas" – as novas catedrais do vinho – como o Adega Rioja, desenhada pelo arquitecto Frank Gehry, ou a mais discreta Adega do Nabeiro de Siza Vieira. "Continuo a preferir o vitivinicultor da Borgonha, tudo meio arrumado, nada encenado", remata. 45